LITERATURA DE FRONTEIRA EM PORTUNHOL SELVAGEM: PROPOSTA DIDÁTICA COMO MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

Mônica Gabriela Kalschne (UNILA)
monigk@hotmail.com.br
Mariana Cortez (UFRN)
marianacortez1674@gmail.com
Franciele Maria Martiny (UNILA)
franmartiny@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma proposta didática com base na obra "Era uma vez em La Fronteira Selvagem" (2019), de Douglas Diegues, focalizando a possibilidade de uso do portunhol selvagem como linguagem literária e prática cultural de resistência na educação escolar. A abordagem teórica-metodológica está ancorada em referenciais sobre o discurso literário crítico a partir da análise do conto "La forma de la banana", o qual possui uma mescla linguística entre português, espanhol, guarani e expressões regionais da fronteira (Brasil/Paraguai), que ultrapassa a função comunicativa e se configuram como estratégia narrativa, política e identitária da região. Dessa maneira, ao explorar o portunhol selvagem como linguagem transgressora e ferramenta de mediação intercultural, a proposta didática pode contribuir para a desconstrução de discursos hegemônicos e para o reconhecimento de práticas linguísticas marginalizadas nas Américas.

Palavras-chave:
Educação intercultural. Portunhol selvagem. Literatura de fronteira.

RESUMEN

Esta investigación presenta una propuesta didáctica basada en la obra "Érase una vez en La Fronteira Selvagem" (2019), de Douglas Diegues, centrándose en la posibilidad de utilizar el portuñol salvaje como lenguaje literario y práctica cultural de resistencia en la educación escolar. El enfoque teórico-metodológico se ancla en referencias sobre el discurso literario crítico a partir del análisis del cuento "La forma de la banana", que tiene una mezcla lingüística entre portugués, español, guaraní y expresiones regionales de la frontera (Brasil/Paraguay) que va más allá de la función comunicativa y se configura como una estrategia narrativa, política e identitaria de la región. De esta manera, al explorar el portuñol salvaje como lengua transgresora y herramienta de mediación intercultural, la propuesta didáctica puede contribuir a la deconstrucción de los discursos hegemónicos y al reconocimiento de las prácticas lingüísticas marginadas en las Américas.

Palabras clave:
Educación intercultural. Portuñol salvaje. Literatura de frontera.

1. Introdução

Partindo da premissa de que a literatura é um espaço privilegiado de expressão das vozes marginais e plurais, este artigo propõe uma reflexão sobre o portunhol selvagem[13] na obra "Era uma vez em La Fronteira Selvagem" (2019), de Douglas Diegues. A obra tem doze contos que utilizam uma linguagem bastante presente em territórios fronteiriços, especialmente entre Brasil, Paraguai e Argentina. Para este estudo, o enfoque está centrado no conto "La forma de la banana", no qual o portunhol é utilizado como recurso expressivo de forte carga irônica e paródica, operando como ferramenta de crítica social e subversão estética.

A análise da narrativa será orientada por referenciais teóricos sobre gêneros literários e intertextualidade, que permitem compreender como a paródia e a ironia operam na construção de um discurso literário crítico (Bakhtin, 1981). Isso porque, o portunhol selvagem está intimamente relacionado ao plano semântico e se beneficia das potencialidades polissêmicas do uso de línguas diferentes, "[...] produzindo efeitos variados, de polifonia, de contraponto, de dissonância, provocando sentidos duplos e múltiplos, ou até *nonsense*, deixando no leitor certa perplexidade em relação ao entendimento do texto" (Degli Atti, 2015, p. 55).

Douglas Diegues, filho de mãe paraguaia e pai brasileiro, cresceu em uma realidade fronteiriça multicultural, foi criado em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com o Paraguai, o que influenciou profundamente sua produção literária. A obra explora de maneira criativa e provocadora o encontro de línguas e expressões locais, subvertendo certas normas linguísticas e mesclando aspectos culturais presentes nas fronteiras.

Nessa perspectiva, a unidade didática proposta busca refletir sobre o portunhol selvagem ou literário no cotidiano escolar orientada para o 5º. Ano do ensino fundamental, promovendo a leitura crítica, o reconhecimento da diversidade linguística e a valorização das identidades próprias dos contextos de fronteira. Ao assumir tal linguagem como instrumento de mediação intercultural, amplia-se o repertório dos alunos e legitima-se

[13] A designação "portunhol selvagem" é variável, podendo ser encontrada com outras formas, como por exemplo: "portunhol/portuñol salvaje", "portunhol/portuñol salbahem", "portuguaraniol salbaje", "portunholito salbahe", "portuñol selvátiko", "portuñol sauvage" ou ainda "transportuñol borracho". Para Albuquerque (2014), a variedade do adjetivo "selvagem" representa as selvas da região da Tríplice Fronteira e à herança da língua guarani.

a presença de práticas linguísticas historicamente marginalizadas na escola.

Este estudo, ao explorar o potencial estético, político e pedagógico do conto de Diegues, procura compreender de que modo essa expressão transgressora contribui tanto para a afirmação das experiências culturais fronteiriças quanto para a desconstrução de discursos e gêneros textuais hegemônicos.

2. O portunhol e a literatura como ferramenta intercultural

Fruto de um contexto de intenso contato linguístico e cultural, o portunhol transgride normas linguísticas formais e desafia concepções tradicionais de identidade nacional e de pureza linguística, já que esta inexiste. Faz-se necessário, neste sentido, compreender o portunhol não apenas como uma mescla ocasional entre dois idiomas, mas como manifestação de um *continuum* linguístico em regiões de fronteira, marcado por assimetrias estruturais, identitárias e ideológicas entre os falantes, apresentando-se com uma variedade de formas e significados, sendo utilizado de maneiras diversas, conforme o contexto comunicativo e os interlocutores envolvidos (Sturza, 2019).

Assim sendo, Sturza (2019) propõe quatro categorias para classificar manifestações do portunhol: língua étnica, interlíngua, língua de interação social e portunhol selvagem, esta última como expressão literária, subvertendo normas para criticar fronteiras físicas e simbólicas[14]. No caso do portunhol étnico, a autora explica que se trata de uma variedade falada por comunidades rurais uruguaias de origem luso-brasileira, a qual possui traços do português arcaico e incorpora empréstimos do espanhol; já portunhol como língua de interação, seria a variedade utilizada em diversas situações cotidianas em espaços fronteiriços de fortes contatos linguísticos, como no comércio; por outro lado, o portunhol visto como interlíngua está mais presente em contextos educacionais, onde aprendizes de espanhol ou português criam sistemas intermediários.

Cada uma dessas denominações dadas ao portunhol possui funções e significados próprios, refletindo as várias facetadas deste falar e sua multiplicidade de significações. Essa característica de encontro lin-

[14] Vale pontuar que termo portunhol selvagem foi cunhado por Douglas Diegues e que outros artistas e escritores optam por designar portunhol literário. Neste artigo, utilizamos os dois termos como sinônimos.

guístico é justamente o que torna o portunhol um fenômeno complexo, com diferentes formas e funções sociais, que vai além da simples alternância ou "erro" linguístico. Especificamente no caso do portunhol selvagem, como já mencionado, esse representa uma expressão artística e literária marcada pela fusão criativa dos sistemas, em que escritores e poetas exploram as possibilidades linguísticas das línguas, rompendo regras e criando estilos inovadores e expressivos e gerando efeitos de sentidos polissêmicos.

No movimento literário proposto por Diegues, o termo "selvagem" é ressignificado, abandonando sua conotação pejorativa para assumir sentidos ligados à originalidade, à rebeldia e à transgressão das normas. Em vez de representar atraso ou barbarismo, como outrora foi sinônimo, o referido termo passa a ser valorizado como expressão de autenticidade e de construção de novos significados. Esse movimento busca, deste modo, resgatar e valorizar experiências locais e formas de expressão culturais, propondo uma literatura enraizada em territórios específicos com identidades singulares, em contraposição aos modelos hegemônicos herdados do período da colonização.

O portunhol literário, nesse contexto, ultrapassa a simples fusão de idiomas. Ele se constitui como metáfora da vivência fronteiriça no que diz respeito a hábitos e línguas, transgredindo as normas linguísticas estabelecidas e criando uma linguagem nova, translinguística (Mota, 2010). Ou seja, escapa às convenções gramaticais de uma única língua e oficial. Portanto, essa ruptura confere ao portunhol selvagem um potencial criativo singular, transformando-o em ferramenta de resistência e em expressão da diversidade cultural e linguística (Degli Atti, 2015).

Diante disso, a obra "Era uma vez em la frontera selvagem" (2019) exemplifica a prática criativa do portunhol, apresentando uma literatura singular que inicialmente provoca estranhamentos e desafios ao leitor. Por meio da elaboração dos textos, Diegues coloca em cena o portunhol selvagem, com a expectativa de inserir o leitor iniciante nessa complexa discussão, para que compreenda que todas as línguas devem ser valorizada no cenário artístico-literário (Diegues, 2019).

Dessa maneira, na obra trabalhada neste artigo, o portunhol não é mero artifício estilístico, mas um gesto político de afirmação da diversidade cultural. Ao escolher essa linguagem como fundamento de sua criação literária, Diegues rompe com os padrões normatizados de língua e confere legitimidade a uma forma de expressão criativa da língua das

regiões de fronteira. Nesse sentido, como aponta Canclini (2008), ao discutir as culturas híbridas latino-americanas, evidencia-se que a identidade do continente assume um caráter polissêmico, abarcando múltiplos traços identitários constituídos ao longo do tempo. Essa identidade nasce tanto do encontro com a diversidade quanto dos elementos comuns que conectam os países da América Latina.

Combinando humor, crítica social e experimentação linguística, Diegues se inscreve entre os autores que reinventam o papel da literatura da linguagem na contemporaneidade: não como espaço de consolidação de certezas, mas como território de dúvida, invenção e liberdade. Ademais, a obra poderia ser considerada como uma literatura da transgressão e do entre-lugar (Bhabha, 1998), que desafia normas e provoca o leitor a repensar categorias estabelecidas, nas quais o espaço de fronteira é um local de misturas heterogêneas e confluências, formando uma nova tessitura social, em que "O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o "novo" que não seja parte do *continuum* do passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural" (Bhabha, 1998, p. 27).

Destarte, as culturas perpassam as fronteiras dos territórios de maneira que a delimitação espaço-território não se reduz a uma linha demarcatória imaginária, mas há um deslocamento do foco espacial para a rede de interações sociais possíveis.

3. O conto foco da nossa proposta

O livro abordado neste estudo conta com a presença de animais fantásticos e que adquirem características humanas, convidando o leitor a uma experiência narrativa que extrapola os limites do realismo. Tais características remetem ao gênero fábula. A narrativa analisada, intitula-se "La forma de la banana" (2019) e apresenta uma discussão insólita entre personagens animais personificados e estabelece relações intertextuais com personagens de contos infantis. O texto se desenvolve em torno da questão: "por que a banana é curva?". À primeira vista, trata-se de uma indagação quase sem sentido, mas que, justamente por sua natureza aparentemente absurda, expõe a ironia de Diegues ao refletir sobre o caráter estéril de certas discussões humanas, que se prolongam sem alcançar qualquer conclusão relevante.

Essa construção remete ao teatro do absurdo, movimento dramatúrgico do século XX (Eugène Ionesco e Samuel Beckett), em que diálogos circulares, situações ilógicas e questionamentos triviais são utilizados como metáforas da própria condição humana, marcada pela falta de propósito e pela incomunicabilidade. Assim como no teatro do absurdo, a narrativa de Diegues faz do insólito um recurso estético para mostrar que certos debates cotidianos não têm sentido, revelando o *nonsense*[15] como estratégia crítica e satírica.

No conto analisado, observa-se um diálogo intertextual com diferentes fábulas. A narrativa remete, em primeiro lugar e principalmente, à conhecida fábula "O elefante e a formiga", em suas múltiplas versões, cuja moral gira em torno das aparências ou da relação de força entre os animais. Também, estabelece-se relação com o conto de Carlos Drummond de Andrade, "O elefante amoroso", no qual um elefante vive uma relação amorosa com uma pulga, ressaltando a mensagem de que o amor é capaz de superar os obstáculos impostos pela aparência.

Na versão elaborada por Diegues, essas referências são retomadas de modo intertextual em uma nova fábula, protagonizada por "una Hormiga[16] de Bunda Dourada" que era namorada do Elefante "muy elegante" (p. 36). O narrador em terceira pessoa destaca as dificuldades enfrentadas pelo casal, mas observa que, "depois de muchos años ainda estavam juntos y evitavam o casamiento", justificando que, se casados, já não poderiam mais ser namorados.

É nesse contexto que a formiga lança ao elefante a pergunta central da narrativa: "Por que la banana tem la forma curva?" (p. 36). Incapaz de encontrar uma resposta, o Elefante consulta o "Hombre Crocodilo", que, por sua vez, recorre a Branca de Neve. E, sem solução, encaminha a questão aos sete anões, que apresentam hipóteses absurdas, mas com certo sentido, o que faz parte do estilo *nonsense*, como: "porque tem casca amarela" ou "porque é uma fruta feliz" (p. 39).

Nenhuma dessas respostas, entretanto, satisfaz o Hombre Crocodilo, que decide recorrer a outro personagem: Chapeuzinho Vermelho. Ela também não sabe a resposta e pergunta para o Lobo Mau, que indaga os

[15] O *nonsense* é um recurso estilístico que rompe com as expectativas de sentido, produzindo humor, estranhamento ou crítica por meio de paradoxos, contradições, jogos de palavras e situações inverossímeis.

[16] Ao longo do conto, ora o autor menciona esta personagem como "Hormiga" ora como "Formiga". Por isso, no texto alternamos o usa também, conforme o contexto.

Três Porquinhos, que morrem de rir, mas transferem a dúvida, finalmente, o "Super-Hombre Turco", que quando visita parentes na Fronteira Selvagem faz a pergunta para a formiga, que conclui: *"*Se la banana non tivesse la forma curva, non seria uma banana" (p. 43).

A narrativa conclui-se com a aceitação de todos os bichos da "Fronteira Selvagem" e a fábula acaba. Com esse desfecho, Diegues reforça o caráter *nonsense* do referido texto, ao articular elementos da tradição literária e elaborar uma nova fábula com o humor, a paródia e o absurdo, explorando uma narrrativa circular que é característica do teatro do absurdo, já mencionado.

Os recursos utilizados por Diegues não apenas conferem humor à narrativa, mas também provocam uma reflexão crítica sobre o modo como lidamos com o conhecimento, a linguagem e o sentido. Ao transformar uma pergunta "por que a banana é curva?" numa busca confusa de sentidos, a fábula evidencia o esvaziamento dos pensamentos e a complexidade artificial imposta pela lógica. Assim, a paródia e a ironia tornam-se, na narrativa, instrumentos essenciais da crítica e de elaboração singular do estilo de Diegues

Bakhtin (1981), a partir do conceito de carnavalização postulado no livro "A Obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento" (publicado em 1965), no qual analisa o riso carnavalesco como um instrumento de subversão. Durante o carnaval, as hierarquias são temporariamente suspensas, o que permite que o "baixo" desafie o "alto", e que a ordem oficial seja ridicularizada (Bakhtin, edição traduzida em 1981, p. 17). O riso, para ele, é ambivalente: ao mesmo tempo que afirma, também nega, sendo capaz de expor as contradições do poder estabelecido. Assim, o cômico torna-se uma forma de resistência popular contra o discurso único e hegemônico, que também caracteriza o portunhol.

Linda Hutcheon (2000, p. 16), por sua vez, trata da paródia pós-moderna como uma forma de imitação com distanciamento crítico. A paródia, na perspectiva pós-moderna, não apenas reproduz, mas também questiona as convenções culturais e textuais que recupera. Trata- se de um "discurso duplo", que legitima e subverte simultaneamente, permitindo à arte pós-moderna criticar ideologias dominantes por meio da ironia e da autorreflexão. Como afirma Hutcheon (1991, p. 26), "A paródia pós-moderna é uma forma de repetição com diferença, uma repetição irônica que ao mesmo tempo homenageia e distancia-se criticamente do original.

Ela não destrói o passado, mas o reinterpreta de maneira crítica", assim como propõe Diegues quando retoma a fábula do "Elefante e a formiga" e, possivelmente, o conto de Drummod "O Elefante amoroso".

Tanto Bakhtin como Hutcheon reconhecem o poder da ambiguidade no uso da paródia. Para Bakhtin, essa se manifesta no riso e na multiplicidade de vozes; para Hutcheon, na ironia e na reinterpretação paródica. Para ambos, a utilização de formas ambíguas de expressão serve para desestabilizar verdades absolutas e abrir espaço para novas leituras e possibilidades de sentido.

Diegues subverte uma fábula tradicional "O elefante e a formiga", transformando-a em um instrumento de crítica social ao esvaziamento de sentido da contemporaneidade. Na versão tradicional, a formiga, apesar de ser pequena e frágil, vence o elefante através de sua perseverança e trabalho duro, transmitindo uma moral de humildade e esforço. No entanto, o autor fronteiriço ressignifica essa história, retirando a lição de moral simples e hierárquica e oferece uma versão, na qual a formiga detém a resposta e desafia os habitantes da Fronteira Selvagem.

A fábula de Diegues recupera personagens tradicionais de contos de fadas, como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Lobo Mau, Três porquinhos, Sete anões, apresentando-os com características que subvertem as representações originais. Ao fazer isso, Diegues propõe uma reflexão sobre a aparência e a essência e potencialidade de cada um dos bichos e personagens dos contos infantis, que personifivam características humanas, desafiando as estruturas de poder dominantes e desconstruindo a moral tradicional da fábula.

Tais textos, como se sabe, têm origem na tradição oral popular e é geralmente associada à linhagem de Esopo, o fabulista grego do século VI a.C. Embora Esopo não tenha deixado textos escritos, suas fábulas foram posteriormente registradas por autores como Fedro, em latim, e por compiladores medievais. Diegues reafirma a potência de um reconto, de referência intertextual, que mistura paródia, linguagem de fronteira e reinterpretação cultural, como formas de resistência e reexistência.

Na fábula "La forma de la banana", a apropriação de figuras do imaginário infantil, como as personagens das fábulas, ilustra essa "repetição com diferença''. Esse deslocamento revela claramente a tal "diferença crítica": ao evocar figuras simbólicas e moralizantes da infância, o autor não busca reafirmar os seus significados originais, mas sim desconstruí-los (Hutcheon, 2000, p. 17). Ele usa essas personagens para ri-

dicularizar os discursos prontos, a lógica do senso comum e a busca por explicações racionais até para o que é trivial e desnecessário, já que a banana faz parte da natureza e sua curvatura não tem uma explicação lógica e imediata, talvez possa ter uma explicação em razão de alguma adaptação genética, mas a intenção de Diegues não é discutir ciência, mas sim a falta de sentido e que até mesmo no universo ficcional não é possível encontrar o sentido.

Conforme observa Bakhtin (1981), a paródia opera como mecanismo de rebaixamento, desestabilizando discursos legitimados e formas cristalizadas de autoridade. Assim, personagens que nos contos de fadas desempenhavam funções normativas passam aqui a ocupar posições ridicularizadas e destituídas da característica de ser modelo para os leitores. Ao contrário do modelo clássico, no qual os heróis encontram soluções e a narrativa oferece uma moral pronta, Diegues constrói um enredo no qual a resposta quando a pergunta inaugural é respondida ela própria personagem que inicia o movimento, esta ação assemelhaça ao gênero charada, no qual aquele que pergunta é que detém a resposta, em um jogo circular.

Nesse contexto, a obra de Diegues ultrapassa a simples paródia dos contos de fadas, inscrevendo-se em uma estética que conjuga humor, crítica e *nonsense*. Enquanto narrativas tradicionais, como Chapeuzinho Vermelho, oferecem uma moral explícita e dogmática: o fato de as respostas, na fábula em portunhol, nunca serem corretas ou alcançadas funciona como uma metáfora para a impossibilidade de se encontrarem respostas definitivas para muitas das questões fundamentais da vida.

Quando finalmente "El Super-Hombre turco" pergunta para "Hormiga de bunda dourada" com propriedade em discurso indireto conclui: "La Formiga de Bunda Dourada respondeu que era óbvio mas que o óbvio às vezes quase ninguém vê" e sentencia sem qualquer titubeio: "– Se la banana non tivesse la forma curva, ela non seria banana" o *nonsense* atua novamente com a resposta de que se a banana não fosse curva, não seria banana. O jogo irônico da lógica retórica leva ao riso da total falta de sentido e explicação científica. A reflexão e a afirmação não são vazias de sentido: são uma referência às discussões filosóficas da existência, isto é, não há resposta pronta como nos contos de fada. Na "fronteira selvagem" a lógica não existe assim como do país das maravilhas, de Alice, mas mesmo na ilogicidade há coerência e reflexão.

Em "La forma de la banana", Diegues realiza uma desconstrução dos clássicos infantis, assim, o conto dialoga com o conceito de "sociedade do excesso de sentido", discutido por Lipovetsky e Serroy (2009, p. 33). Segundo os autores, vivemos num tempo em que a proliferação de discursos, imagens e interpretações satura o espaço cultural, gerando confusão e superficialidade em vez de compreensão. Assim, o conto, através da paródia, encena a crítica à saturação simbólica que marca a contemporaneidade.

A pergunta geradora da narrativa, então, funciona como símbolo da explicação total e dos dogmatismos. Ao transformar uma questão banal em epicentro de uma busca quase mítica, o conto mostra que a realidade simbolizada pela forma curva da banana resiste a ser totalmente explicada ou controlada por discursos elaborados.

Diegues parodia a ciência, a epistemologia e o discurso acadêmico, em uma sátira refinada ao culto contemporâneo da razão. O autor parodia a ciência e o discurso acadêmico para mostrar o vazio que pode estar escondido por trás de formas complexas e discursos "inteligentes". Ao tratar um tema com uma seriedade desproporcionada, ele questiona a autoridade exagerada da razão.

Além disso, o escritor não se limita à releitura de figuras já conhecidas. Ele também introduz personagens originais ou releitura deles, como o Homem turco, La Hormiga de Bunda Dourada e el elefante elegante, essas figuras caricaturais ampliam o tom *nonsense* no próprio nome e reforçam o aspecto irônico da obra.

Outro aspecto fundamental é o uso do portunhol selvagem uma mistura de português, espanhol e guarani que constituem a linguagem da fábula. Nota-se também uma elaboração cuidadosa com relação aos nomes e caracterização das personagens, e ao narrador em terceira pessoa e metalinguístico, como é possível verificar no comentário: "Pero la Hormiga de Bunda Dourada y el Elefante Elegante deste conto, depois de muchos años ainda estavam juntos y evitavam casamiento" (p. 36).

Com respeito ao portunhol, este recurso estilístico reforça o caráter irônico, paródico e carvalavesco da narrativa. A linguagem "inventada", "recriada" deixa de ser apenas meio de comunicação e passa a ser também um recurso literário, no qual se pode rir até mesmo da língua subvertida como na alternância da mesma palavra em português/espanhol/portunhol: "Então la Hormiga..." (p. 36); "Entonces el Hombre..." (p. 39); "Entón, el Lobo Mau ..." (p. 41). Na alternância entre

as duas línguas na mesma frase com redundância: “perguntando la mesma preguntita” (português e espanhol, p. 38); na inserção de outras línguas “Porque la moon (lua em inglês) e “Porque el soleil (sol em francês). Assim, o portunhol na fábula não é apenas um verniz linguístico, mas um elemento que amplia a ironia e crítica presente a obra, evidenciando como a linguagem pode ser tanto instrumento de comunicação quanto um espaço de criação, resistência e contestação cultural.

4. Proposta de unidade didática do conto “la forma de la banana”

Esta unidade didática foi planejada para estudantes de 9 a 10 anos (5º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais), mas pode ser facilmente adaptada para outras faixas etárias e contextos educativos. A proposta contempla a apresentação dos objetivos, dos conteúdos trabalhados, das metodologias utilizadas e de sugestões de atividades voltadas à análise do conto analisado ao longo do artigo, sempre em consonância com os princípios da educação intercultural e com a valorização da literatura como ferramenta de construção de sentidos.

O ponto de partida sugerido é a seção “Para início de conversa”, utilizando o texto “Todas as línguas do Brasil” (disponível em: https://plenarinho.leg.br/index.php/2017/04/todas-as-linguas-do-brasil/ – consulta em 07 de julho de 2025). Esse material aborda a diversidade linguística do país, destacando as mais de 200 línguas faladas no Brasil, incluindo as de origem indígena e africana. Após a leitura, podem ser levantadas questões como:

1) Aproximadamente quantas línguas são faladas no Brasil?
2) Por que existe tanta diversidade linguística em nosso país?
3) Quantas línguas são faladas pelos povos originários?

Em seguida, recomenda-se a apresentação de um mapa da tríplice fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), como o disponível em: https://100fronteiras.com/opiniao/noticia/a-triplice-fronteira-entre-argentina-brasil-e-paraguai/ (consulta em 27 de agosto de 2025). A partir dele, o professor pode conduzir a conversa com perguntas como:

- Em que cidade você mora?
- Que língua(s) se fala no Paraguai e na Argentina?
- Você tem familiares que vivem nesses países? Quem são eles?

Depois "aquecimento", a proposta é introduzir o gênero fábula por meio da leitura de "O Elefante e a Formiga" (disponível em: https://acessaber.com.br/atividades/interpretacao-de-texto-o-elefante-e-a-formiga-3o-ano-e-4o-ano/). A compreensão do texto pode ser orientada pelas perguntas:

1) Quem são os personagens da história?
2) Por que a formiga se irritou com o elefante?
3) Qual foi a conclusão do elefante ao final da narrativa?
4) Por que é importante cultivar a humildade?

Na seção "Para definir", os alunos devem identificar as características do gênero lido.

O professor pode guiá-los com questões como:

- Você sabia que existem histórias criadas para ensinar valores?
- Nessas narrativas, os personagens costumam ser animais, mas com comportamentos semelhantes aos das pessoas.
- Essas histórias recebem o nome de _____.

Os estudantes deverão preencher a lacuna com o termo fábula e, em seguida, reconhecer em qual língua o texto está escrito.

Posteriormente, propõe-se a comparação com a fábula "La forma de la banana", de Douglas Diegues. Nesse momento, o professor pode alertar a turma: "Vamos ler uma história escrita em outra língua. Algumas palavras serão familiares, outras não. O desafio é: durante a leitura, marque ou sublinhe pelo menos 10 palavras que você acredita não pertencerem ao português.".

Após a leitura e a identificação dos termos, sugere-se preencher um quadro de observações com as palavras encontradas.

Para ampliar os conhecimentos, recomenda-se a exibição do documentário PORTUÑOL |trailer (1:30 min), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cE53uZtrOaM.

O vídeo apresenta a cultura da região fronteiriça do Brasil e mostra costumes e formas de falar dos povos hispano-falantes vizinhos. Como síntese, os alunos devem ler o trecho adaptado de "Devemos temer

o Portunhol?" (https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/2020/10/26/devemos-temer-o-portunhol/ – consulta em 27 de agosto de 2025).

Para concluir a unidade, o professor pode propor as seguintes perguntas:

a) O conto "La forma de la banana" está escrito em que língua?

b) Qual o gênero textual dessa história?

c) Quais são as características desse gênero?

Além disso, os estudantes podem registrar no caderno a síntese da aula:

- O portunhol é _____.
- A fábula é _____.

5. Considerações finais

Por meio da proposta didática apresentada, é possível observar que o trabalho com os contos "La forma de la banana", de Douglas Diegues contribui significativamente para o desenvolvimento de uma abordagem pedagógica intercultural, crítica e inclusiva. Através da leitura e da interação com o portunhol selvagem, os alunos são incentivados a valorizar a diversidade linguística, refletir sobre questões de identidade e fronteira, e compreender a linguagem como prática social e cultural, além de descobrir a linguagem literária trabalhada por Diegues.

O exercício didático permite trabalhar a pluralidade linguística e o bilinguismo como realidades vividas em contextos fronteiriços; estimular o pensamento crítico e a leitura reflexiva, utilizando a ironia e a paródia presentes nas fábulas; incentivar a criação textual e a expressão lúdica, por meio de atividades que unem humor, imaginação e colaboração; promover o respeito às práticas culturais locais, valorizando saberes e modos de falar, muitas vezes, marginalizados no espaço escolar.

Dessa forma, conclui-se que a literatura pode ser um caminho significativo para o fortalecimento da educação intercultural, da valorização das múltiplas identidades e do reconhecimento da linguagem como instrumento de transformação social e pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar. As fronteiras do portunhol selvagem. *Revista TB*, n. 196, p. 89-108, Rio de Janeiro, 2014.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Lúcia S. L. Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

BAKHTIN, Mikhail M. *The Dialogic Imagination*: Four Essays. Edited by Michael Holquist; translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

DEGLI ATTI, Francesca. Considerações acerca do movimento do Portunhol selvagem: o paradigma da osmose e a resistência cultural. *Babilónia* – Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, n. 13, 2015, p. 47-72. Disponível em: https://recil.ulusofona.pt/server/api/core/bitstreams/617cd90f-c078-44b4-af8a- 196f1ff2350a/content. Acesso em: 24 mai. 2025.

DIEGUES, Douglas. *Era uma vez em la fronteira selvagem*. São Paulo: Barbatana, 2019.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo***:** história, teoria, ficção. Trad. de Maria de Lourdes Siqueira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1991.

HUTCHEON, Linda. *A teoria da paródia***:** ensinando a arte da duplicidade. Trad. de Álvaro Luiz Montenegro Valls. São Paulo: UNESP, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo*: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPSKI, John M. Too Close for Comfort? The Genesis of Portunhol/Portuñol. In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 8., 2006, Somerville. *Anais [...]*. Somerville: [*s.n.*], 2006. p. 1-22

MELIÁ, Bartolomeu. Hacia una "tercera lengua" en el Paraguay. *Estudios Paraguayos*, v. 2, n. 2, p. 31-72, Asunción, 1974. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local-files/biblio:melia-1983-lengua/Melia_1983_LaLenguaGuaraniDelParaguay.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

MOTA, Sarados Santos. *Línguas, sujeitos e sentidos*: o jornal nas relações fronteiriças no início do século XIX, início do século XX. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

STURZA, Eliana Rosa. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. *Revista Iberoamericana de Educación*, [*s.l.*], v. 81, n. 1, p. 97-113, 2019. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/85f1/7bac0fc105a05574f956cd2c93011cbfd7d5.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

STURZA, Eliana Rosa; BRATZ, Maurício Engroff. Comunicação transfronteiriça: portunhol, uma língua de intercompreensão. *Temas & Matizes*, v. 17, n. 30, p. 86-103, 2024. Disponível em: https://e-revista. unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/32498. Acesso em: 27 ago. 2025.